MONÇÕES
Revista de Relações Internacionais da UFGD
ISSN 2316-8323

NOVAS PARCERIAS NA ÁREA DE DEFESA ENTRE O BRASIL, RÚSSIA, CINGAPURA E SUÉCIA.

Carlos Eduardo Riberi Lobo
Pós-doutor e Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP
Professor universitário do UNIFAI/SP e da USJT/SP.
Professor conferencista de geopolítica e relações internacionais na Academia da Força Aérea Brasileira – AFA/FAB.

RESUMO:

O presente trabalho analisa a possibilidade de parcerias na área de defesa entre o Brasil e novos parceiros como Rússia, Cingapura e Suécia no início do século XXI. Ao ampliar as atividades conjuntas em uma área sensível como a defesa o país busca dinamizar e ampliar a sua indústria bélica, visando diminuir a dependência de fornecedores tradicionais, como os EUA e países da Europa Ocidental

PALAVRAS CHAVE: Forças Armadas, Geopolítica, Defesa

ABSTRACT:

This paper examines the possibility of partnerships in the area of defense between Brazil and new partners such as Russia, Singapore and Sweden in the early twenty-first century. To expand joint activities in a sensitive area like defense it seeks to streamline and expand its arms industry in order to reduce dependence on traditional suppliers such as the US and Western European countries

KEYWORDS: Armed forces, Geopolitics, Defense

RESUMEN:

En este trabajo se analiza la posibilidad de alianzas en la área de defensa entre Brasil y los nuevos socios como Rusia, Singapur y Suecia a principios del siglo XXI. Para ampliar las actividades conjuntas en un área tan sensible como la defensa se busca agilizar y ampliar su industria de armas con el fin de reducir la dependencia de los proveedores tradicionales, como los EE.UU. y los países de Europa Occidental

PALABRAS CLAVE: Fuerzas armadas, Geopolítica, Defensa

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o Brasil vem paulatinamente aumentando o seu gasto militar como desenvolvendo a sua base industrial de defesa. Depois da criação do Ministério da Defesa no governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso – FHC e do aumento do

orçamento e de parcerias na área de defesa no governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva – Lula, o país voltou a desempenhar um papel mais relevante na área de defesa na América do Sul, voltando a ocupar a posição de destaque que vinha perdendo nos últimos anos.

Na década de 1980 a indústria bélica nacional atingiu seu apogeu e depois entrou em crise a partir do início da década de 1990. Com a volta a democracia, crise econômica e outras prioridades no cenário social e politico, as Forças Armadas-FFAA ficaram desde meados dos anos oitenta até a criação do Ministério da Defesa em situação financeira de penúria, em termos de equipamentos e salários. Outro fator importante foi o"passivo político" que tinham desde o fim do período da ditadura militar, que desgastou a imagem e o prestígio das FFAA na sociedade brasileira.

Se por um lado o processo da abertura política e a volta a democracia foram pautados pelos militares, não ocorreu uma ação mais relevante por parte das FFAA na política nacional, provavelmente devido ao desgaste de mais de duas décadas no poder. Isso não possibilitou a manutenção de um papel político e social de mais relevância como em outros períodos da história do Brasil. Somente aos poucos vem sendo retomada a sua importância, principalmente nos últimos anos com o apoio a missões de segurança púbica e ações cívicas no território nacional, defesa da soberania nacional e a um papel mais amplo nas missões de paz conduzidas através da Organização das Nações Unidas.

Nesse sentido no Brasil as FFAA tem um papel intermediário comparadas com as de países do Cone Sul, como o Chile e a Argentina, depois das ditaduras militares na região. No Chile as FFAA daquele país mantiveram uma autonomia politica e orçamentária depois do período da ditadura Pinochet e na democracia que garantiram o seu reequipamento e status social, todavia sem desenvolver de modo mais significativo a indústria bélica local, ainda dependendo de fornecedores tradicionais como os Estados Unidos da América – EUA, a Europa Ocidental e os países membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte - OTAN.

No caso da Argentina o desprestígio e a falta de verbas, associada a crise econômica e política desde o fim do período Menem, fizeram com que as FFAA perdessem grande parte da sua operacionalidade e relevância política. Nos últimos anos a sua situação de sucateamento é evidente. Frente aos seus dois rivais históricos, Chile e Brasil, as FFAA da Argentina estão atualmente altamente defasadas em termos de equipamentos e operacionalidade e devido a aproximação com os países vizinhos essa situação não é mais grave.

A partir do final da década de 1980 o Brasil começa a passar a frente da Argentina com respeito ao poder militar no Cone Sul. Esse processo se consolida na década de 1990 e no início do século XXI, com a decadência das FFAA da Argentina. Por isso mudam as perspectivas estratégicas do Brasil, que além do Cone Sul teria como prioridades estratégicas a Amazônia e o Atlântico, principalmente depois da descoberta de reservas de petróleo na camada do pré-sal nos últimos anos e da importância cada vez maior da região amazônica devido as suas riquezas minerais, ampla biodiversidade e como fonte de água doce. Ou seja, ocorreu uma mudança geopolítica importante, com as FFAA do Brasil voltando-se mais para a atuação na região norte e a Amazônia, como as fronteiras terrestres e o Atlântico em detrimento da Bacia do Prata, que historicamente foi uma zona de conflito e tensão.

Com essas mudanças estratégicas as FFAA do Brasil buscaram projetos de modernização, dentro das suas limitações orçamentarias, e ao mesmo tempo buscando desenvolver a indústria bélica nacional. Para tanto foram fortalecidas as parcerias tradicionais na área de defesa e foram estabelecidas novas parcerias, visando garantir o papel de destaque do Brasil como principal centro industrial de defesa na América do Sul e líder econômico e militar na região, já que na atualidade a concorrência argentina nesse campo na prática não existe mais.

AS PARCERIAS TRADICIONAIS: EUROPA OCIDENTAL E EUA

Desde o inicio do período republicano uma das preocupações dos militares brasileiros foi modernizar as FFAA e desenvolver a indústria bélica nacional. Ainda que esforços tenham sido feitos na Primeira República entre 1889-1930, na realidade ocorreram politicas de modernização baseados em modelos europeus que até hoje influenciam nas parcerias estratégicas das FFAA com países europeus, principalmente com a França, Reino Unido, Alemanha e Itália, esses os parceiros tradicionais desde o final da 1ª Guerra Mundial. (ENGLISH, 1985)

Depois da revolução de 1930 e durante o primeiro ciclo Vargas, 1930-1945, especialmente durante o Estado Novo entre 1937-1945, foram realizadas políticas no sentido de desenvolver a indústria bélica nacional com o apoio da França, Alemanha, Itália e aos poucos os EUA. Somente com a 2ª guerra mundial é que os EUA passaram a ser o principal fornecedor de tecnologia militar para o Brasil, substituindo as tradicionais parcerias com os países europeus, tendo em vista a aliança estratégica entre os países durante o conflito e o Brasil alçado a condição de parceiro estratégico na América do Sul dos EUA a partir de então. (ENGLISH, 1985)

Durante a Guerra Fria os EUA dominaram o fornecimento de equipamentos militares para o Brasil em relação a países europeus. Todavia os militares brasileiros sempre que possível buscaram diminuir a dependência em relação aos norte-americanos, visando não manter uma única fonte de abastecimento, como sempre que possível adquirindo tecnologias militares mais modernas. Nesse período os equipamentos oriundos dos EUA fornecidos ao Brasil e aos países da América Latina não eram os de primeira linha e mais modernos, esses eram destinados a defesa da OTAN e de aliados na Ásia e Oceania. (VILLADA, 2007)

Uma alternativa para vários países da América Latina foi a partir da década de 1970 voltarem suas aquisições e parcerias na área de defesa com países da Europa Ocidental, principalmente França, Reino Unido e Itália. Dos países da região os que desenvolveram mais as suas indústrias bélicas em parcerias com os países europeus dois se destacaram, Brasil e a Argentina, mas ainda assim em situação de dependência tecnológica e militar.

Outro fator importante destacado por Renato Dagnino, é a capacidade ou não da indústria de defesa num país como o Brasil se sustentar com a exportação de armamentos. De fato mesmo nos países com grandes indústrias de defesa também voltadas para o mercado externo, como os EUA, Rússia, França, Grã Bretanha, China e países da OTAN, o que sustenta as mesmas são as compras dos governos locais para as suas FFAA. As exportações ajudam, e talvez tenham até mais importância em termos geopolíticos, mas o gasto interno é o grande impulso para a indústria de defesa, o que de fato não ocorre com o Brasil. Então a manutenção das indústrias de defesa no caso do Brasil através das exportações não seria possível. (DAGNINO, 2009)

A não ser que a indústria de defesa brasileira seja pensada em termos estratégicos e geopolíticos para garantir a soberania nacional, defesa do território e poder de dissuasão. Mesmo assim no caso do Brasil ainda que possa ocorrer transferência de tecnologia para a área civil, de fato a indústria bélica é a fundo perdido. Ou seja, ela é necessária para aumentar a autonomia do Brasil no cenário regional e internacional, mas não deve ser estruturada pensando em se manter via o mercado externo, cabe ao governo federal aumentar os gastos em defesa. A década de 1980 mostrou os limites da indústria de defesa do Brasil nesse sentido. (DAGNINO, 2009)

Desse modo ganha importância o caráter geopolítico e estratégico, buscando diminuir a dependência da importação pura e simples de armamentos, que em termos estratégicos é um ponto de fragilidade. As novas parcerias para a produção ou compra de novos equipamentos para as FFAA do Brasil podem auxiliar no desenvolvimento da indústria de defesa e melhoria da atuação das FFAA brasileiras em nível regional, garan-

tindo a soberania nacional e também atuando mais em missões de paz da ONU.

UM NOVO CAMPO COMPLEXO COM A RÚSSIA

Após o fim da Guerra Fria, a Rússia passou a ser para países da América Latina um novo fornecedor de equipamentos militares a partir de meados da década de 1990. Surgiram novas oportunidades de negócio em países que tradicionalmente compravam equipamentos militares dos EUA e da Europa Ocidental, como no México, Brasil, Colômbia, Venezuela, principalmente com a compra de equipamentos aeronáuticos como aviões de transporte e helicópteros. Até o fim da Guerra Fria a antiga União Soviética fornecia equipamentos para Cuba seu principal aliado na América Latina e para o Peru e Nicarágua. Sendo o Peru comprador de equipamentos e não um aliado estratégico na região do Caribe e da América Central, como no caso de Cuba e Nicarágua.

No final da década de 1990 o Brasil passou a comprar equipamentos da Rússia, como os misseis portáteis para defesa aérea do modelo Igla. Mais recentemente nos últimos anos comprou e colocou em operação na FAB helicópteros de combate Hind MI 35 Sabre, o primeiro helicóptero de combate do país. Essa foi uma compra de maior relevância, pois colocou o Brasil no mesmo patamar que vizinhos que utilizam essa aeronave, como Peru e Venezuela. Existe a possibilidade da compra de sistemas de baterias antiaéreas do modelo Pantsyr a partir de 2016, que foram adiadas devido a cortes orçamentários e o desejo do Brasil de produzir o equipamento localmente.

A seguir está a relação dos equipamentos fornecidos para o Brasil pela Rússia segundo o site do SIPRI - Stockholm International Peace Resarch Institute – Instituto internacional de Estocolmo de Pesquisa para a Paz, instituição que se dedica há décadas a estudar os temas de defesa em todos os países do mundo, como a transferência de armamentos entre os países. A tabela gerada pelo site do SIPRI - Arms Transfers Database Russia to Brasil1950 - 2014 in: <http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade_register.php> (acesso em 10/7/2015), mostra a transferência de equipamentos militares entre a Rússia e o Brasil:

Rússia para o Brasil:

- 190 mísseis antiaéreos portáteis Igla/SA-18, incluídos 56 lançadores em 1994.
- 150 mísseis antitanque 9M114 Shturm/AT-6 para os helicópteros de combate Mil Mi-35M/Hind-E em 2008.
- 12 helicópteros de combate Mi-35M/Hind-E entregues entre 2010 e 2014.
- 300 mísseis antiaéreos portáteis Igla-S/SA-24 entre 2010 e 2012

Ainda estaria em fase de negociação com a Rússia a compra de 3 sistemas de defesa antiaérea móveis do modelo 96K9 Pantsyr-S1, que incluiria a compra de 75 mísseis 9M311/SA-19 para isso como também mais 60 mísseis antiaéreos portáteis Igla-S/SA-24. Atualmente essa compra foi postergada por questões orçamentárias.

Apesar da compra de armamentos russos ter sido um ponto de mudança para a utilização de novos equipamentos e doutrinas pelas FFAA do Brasil, a situação de pós venda e fornecimento de peças de reposição ainda gera problemas se comparada com fornecedores tradicionais da Europa Ocidental e o próprio EUA. Essa queixa, que os russos apenas vendem os sistemas militares e não dão apoio logístico posteriormente, também é compartilhada por outras forças aéreas na América Latina, como no Peru, Colômbia e o México aonde aeronaves e helicópteros russos enfrentam problemas de manutenção a médio e longo prazo. Todavia essas nações citadas através de novas negociações com a própria Rússia ou pela atuação das suas FFAA e sua base industrial, os equipamentos russos são mantidos em operação, caracterizados pela robustez e pronto emprego para o combate, conforme a doutrina da antiga URSS e atualmente da Rússia. (REVISTA FLAP INTERNACIONAL, 2015)

Uma parceria com a indústria de defesa russa produzindo equipamentos aqui no Brasil ainda parece mais um desejo do que uma realidade, muito mais pela resistência dos russos em passarem a tecnologia de ponta para um novo parceiro na compra de equipamentos militares.Outra possibilidade é a parceria entre o Brasil e a Rússia para o desenvolvimento de veículos lançadores de satélites, com um acordo tendo em vista a ampliação e a modernização da base aeroespacial de Alcântara no Maranhão. Por ser uma área sensível relacionada com foguetes é do interesse da Rússia utilizar a posição geográfica privilegiada da base brasileira próxima a Liinha do Equador, já que a sua utilização poderia baratear o lançamento de satélites em até quarenta por cento do custo final. Os EUA e a França também querem utilizar a mesma base e recentemente propuseram acordos de cooperação. Até o momento o Brasil está dialogando com esses países visando a melhor proposta que inclua transferência de tecnologia. (GLOBONEWS PAINEL, 2015; NETTO; CHADE: 2015)

CINGAPURA E A TROCA DE EXPERIÊNCIAS NA DEPENDÊNCIA OCIDENTAL

Nas duas últimas duas décadas Cingapura tornou-se no Sudeste Asiático um importante centro na área de defesa e possui atualmente as FFAA mais modernas e equipadas daquela região. Sua indústria de defesa nessa área além de atender demandas das suas

FFAA também tem alcançado destaque no mercado internacional ampliando suas exportações. Apostando no modelo israelense de FFAA, Cingapura desde a sua independência em 1965 desenvolveu parcerias importantes na área de defesa com Israel, França, EUA, Grã Bretanha, Alemanha e Suécia e mais recentemente tem adquirido equipamentos militares da Rússia, como já tínhamos demonstrado em trabalho anterior. (LOBO: 2012).

Com relação ao Brasil a parceria ocorreu com o fornecimento de navios patrulha desenvolvidos em Cingapura para a Marinha do Brasil conforme o site do SIPRI - Stockholm International Peace Resarch Institute – Instituto internacional de Estocolmo de Pesquisa para a Paz,. A tabela gerada pelo site do SIPRI. Arms Transfers Database Singapore to Brasil1950 - 2014 in: <http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade_register.php> (acesso em 10/7/2015), mostra a transferência de equipamentos militares entre Cingapura e o Brasil:

Cingapura para o Brasil

- 4 navios de patrulha da classe Grajaú entregues entre 1993 e 1997

Nesse caso a parceria rendeu frutos com o desenvolvimento de novos projetos e navios de patrulha de 200 toneladas construídos pelo Arsenal de Marinha e estaleiros nacionais, que resultaram na construção de um total de 12 navios de patrulha da classe Grajaú em uso atualmente pela Marinha do Brasil e a posterior exportação de uma unidade para a Marinha da Namíbia. Mas a parceria que poderia ser ampliada com Cingapura em relação a indústria aeronáutica e o desenvolvimento de blindados e peças de artilharia não foi adiante.(PODER NAVAL, 2015)

Como Cingapura de fato é um país intermediário no desenvolvimento de tecnologias militares de países ocidentais, ou seja, compra e produz equipamentos militares a partir de parcerias com os EUA, Grã Bretanha, França, Alemanha e Suécia. Cingapura funcionou como uma ponte entre o Brasil e os seus fornecedores tradicionais no hemisfério norte. Num certo sentido a ampliação da parceria na área militar entre o Brasil e Cingapura teria características mais próximas de uma parceria modelo Sul – Sul no sentido geopolítico do termo.

A SUÉCIA E A POSSIBILIDADE DE UMA PARCERIA MAIS AMPLA

Ao contrário da Rússia e Cingapura, a Suécia já fornecia equipamentos militares para o Brasil desde a década de 1970, como motores para tanques, misseis, canhões e radares. O fato de várias empresas suecas atuarem no Brasil há décadas nas áreas de

telecomunicações e na indústria automobilística, provavelmente pode ter auxiliado na venda de produtos militares suecos. Entretanto a nova compra através dos caças modelo Gripen-NG colocou a parceria estratégica com a Suécia em outro nível, já que para tanto haverá a participação da Embraer na fabricação e desenvolvimento do caça.

Essa parceria ampliada coloca a Suécia no mesmo patamar dos fornecedores tradicionais de equipamentos militares para o Brasil, como França, Grã Bretanha e Itália nas últimas décadas. Através do desenvolvimento em comum com esses países foi possível criar produtos novos para atender as necessidades de defesa do Brasil e gerar massa critica para o surgimento de novos projetos. Na área naval com as fragatas da Classe Niterói de origem britânica nas décadas de 1970 e 1980, com o Xavante e o AMX, aviões de combate produzidos em parceria com a Itália, a fabricação de helicópteros de origem francesa pela Helibras a partir da década de 1980 e nos últimos anos a família de blindados Guarani com a Iveco da Itália.

A fabricação do Gripen pode trazer para a indústria aeronáutica do Brasil oportunidades interessantes com relação a tecnologia de ponta na área aeroespacial. O desenvolvimento do Tucano e depois do Super Tucano foram frutos das parcerias que a Embraer desenvolveu desde a década de 1970, assim como a família ERJ 190 e atualmente o avião de transporte KC 390.

A fabricação do Gripen no Brasil possibilitará a modernização da FAB e o aumento do poder dissuasório do Brasil no cenário regional, a América do Sul, além da modernização da área da eletrônica no campo da defesa aérea com o projeto de um caça que possa estar dentro do orçamento da FAB e do Ministério da Defesa. Poderá ocorrer inclusive a possibilidade de exportação da aeronave como ocorreu com sucesso com o Tucano e atualmente com o Super Tucano.

A seguir está a relação dos equipamentos militares fornecidos pela Suécia, sendo que a parceria na fabricação do caça Gripen refunda uma parceria que já rendia possibilidades interessantes para as FFAA do Brasil desde a década de 1970. Novamente utilizamos os dados do SIPRI - Stockholm International Peace Resarch Institute – Instituto internacional de Estocolmo de Pesquisa para a Paz. A tabela gerada pelo site, Arms Transfers Database Sweden to Brasil 1950 – 2014 in: <http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade_register.php> (acesso em 10/7/2015), mostra a transferência de equipamentos militares entre a Suécia e o Brasil:

Suécia para o Brasil:

- 421 motores a diesel DS-14 para a modernização dos tanques M-41 para os modelos M-41B e M41C entre 1980 e 1990
- 6 lançadores antissubmarino 375mm Twin ASW MRL para seis fragatas da classe Niterói entre 1976 e 1980 encomendadas no Reino Unido
- 12 mísseis antiaéreos Sea Cat em 1982
- 25 radares de controle de fogo BOFI-AWGS para a modernização dos canhões antiaéreos L/70 40mm entre 1986 e 1987
- 2 radares Giraffe-40 para uso no sistema ASTROS-2 de defesa costeira produzidos no Brasil
- 100 misseis antitanque RBS-56 Bill entre 1996 e 1997
- 5 radares do sistema AEW&C OS-890 Erieye para as cinco aeronaves EMB--145AEW&C (R-99) da Embraer para controle aéreo e parte do programa SIVAM – Sistema de Vigilância da Amazônia produzidos no Brasil
- 80 misseis antiaéreos portáteis RBS-70 Mk-3 Bolide incluindo 16 lançadores que serão entregues entre 2014 e 2015
- 36 caças Gripen-E que depois do acordo em 2014 serão entregues entre 2019 e 2023, com a produção de componentes e transferência de tecnologia para o Brasil resultando no modelo Gripen-NG, sendo 8modelos construídos para dois pilotos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compra de equipamentos militares da Rússia e de Cingapura abriu novas possibilidades para as FFAA do Brasil desenvolverem novas parcerias na área de defesa. Entretanto com relação a Rússia foi uma compra de equipamentos, que poderá ou não no futuro resultar em novas parcerias na área de defesa. Tradicionalmente a Rússia assim como a antiga URSS prefere fornecer equipamentos militares e desenvolve parcerias estratégicas de produção apenas com parceiros relevantes em termos geopolíticos e econômicos, como era o caso com os países do antigo Pacto de Varsóvia.

Durante a Guerra Fria a URSS fornecia equipamentos militares para seus aliados, principalmente no terceiro mundo. Política semelhante a dos EUA desde a Segunda Guerra Mundial, fornecendo os produtos militares para parceiros conforme o seu grau de importância estratégica. Ou seja, a produção de equipamentos militares no estado da arte em parceria ou através de licenças para os países da OTAN e aliados na Ásia e Oceania, como Japão, Coréia do Sul e Austrália. Para a América Latina vinham equipamentos de segunda linha ou que seriam descartados pelos EUA.

A relação de dependência na área de defesa é bastante evidente, pois parcerias ocorrem geralmente com países que são aliados durante décadas com os principais produtores mantendo o desenvolvimento e fornecimento de parte essencial dos produtos bélicos. Nesses exemplos fatores geopolíticos são fundamentais. Os EUA, Rússia, Europa Ocidental e China agem dessa maneira, daí a dificuldade dos países que buscam maior autonomia na área de defesa como o Brasil encontrarem parcerias novas.

Se observarmos os fornecedores da maior parte dos equipamentos militares do Brasil desde a 1ª Guerra Mundial, ocorre um predomínio dos países da Europa Ocidental, como França, Grã Bretanha e Itália, seguidos da Alemanha e dos EUA. A entrada no mercado brasileiro da Rússia e de Cingapura pode também ser compreendida como uma politica dos militares brasileiros de minimizar a dependência de poucas fontes de tecnologia militar, pois estrategicamente quando a sua indústria bélica está em desenvolvimento, não é prudente depender de poucos parceiros e fornecedores.

Um bom exemplo disso foi a posição da OTAN e dos EUA em relação a Argentina durante o conflito das Malvinas em 1982. Com o embargo de armas durante o conflito a Argentina perdeu grande parte da sua vantagem geopolítica no conflito, pois dependia basicamente do mercado exterior e dos países da Europa Ocidental, ou seja da OTAN, para equipar as suas FFAA. Essa lição possivelmente explica a busca de novas parcerias na área de defesa pelo Brasil.

BIBLIOGRAFIA E FONTES:

CATTONI NETO, Augusto (1985). Exportação de Armamentos do Brasil. **Segurança e Defesa***, n º 3, Janeiro/Fevereiro*. Rio de Janeiro, pp. 28-37.

CHALIAND, Gérard; RAGEAU, Jean-Pierre. (1988). *Atlas Politique du XXe Siècle.* Paris, Editions du Seuil.

D´ARAÚJO, Maria Celina; CASTRO, Celso [organização] (2000). **Democracia e Forças Armadas no Cone Sul**. Rio de Janeiro: Editora FGV.

DAGNINO, Roberto. (2010). **A Indústria de defesa no governo Lula**. São Paulo: Expressão Popular/FAPESP,.

ENGLISH, Adrian J. (1985**). Armed Forces of Latin America**. London: Jane's.

FEINSTEIN, Andrew. (2011). **The Shadow World. Inside the Global Arms Trade**. New York: Farrar/Straus/Giroux.

FONTOURA, Alexandre. (2010). Os planos de modernização do Exército Brasileiro **Segurança e Defesa***, nº 99*. Rio de Janeiro, pp. 30-34.

GLOBO NEWS PAINEL.(2015). **Defesa Nacional em tempos de ajuste fiscal***.* Globonews, 2/8/15.

GODOY, Roberto. (2015). Bogotá atribui avanço a eficácia do Super Tucano. Força Aérea colombiana considera caça da Embraer fundamental em luta contra as Farc. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 26 de julho de 2015, Internacional, p. A 16.

LOBO, Carlos Eduardo Riberi (2012). **Cingapura: 1965 a 2010. Segurança, Forças Armadas, Geopolítica e Desenvolvimento na Cidade-Estado**. Pós-Doutorado em Ciências Sociais – Área de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LORCH, Carlos. F-X2. (2012) Novidades no Ar. Revisitando a concorrência do novo caça. **Revista Força Aérea**. *Ano 17, nº 79, dezembro*. Rio de Janeiro, Action Editora,pp. 46-57.

MARAMBIO, Cristián. (2010). A indústria de defesa no Chile. **Tecnologia e Defesa,** *nº 120, ano 27*. São Paulo. pp. 66-70.

MONTEIRO, Tânia. (2015). Defesa fecha acordo de financiamento de caças com suecos. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 30 de julho de 2015, Política, p. A 10.

PODER NAVAL (2015). **O NPa e as LP da Namíbia em serviço**. 28 de dezembro de 2011" <http://www.naval.com.br/blog/2011/12/28/o-npa-e-as-lp-da-namibia-em-servico/>(acesso em 8/7/15)

REVISTA FLAP INTERNACIONAL. (2015).**Aviação Militar na América Latina. Edição Especial.** Revista Flap Internacional. No 513 / ano 52. São Paulo.

RUIZREE, R. (2009). Um helicóptero russo na FAB. **Segurança e Defesa,** *nº 94*. Rio de Janeiro. pp. 36-37.

SCHEINA, Dr. Robert L. (1983).Argentina´s navy in the Falklands War in: MOORE, Captain John (1983).*Jane´s Naval Review. Edited by Captain John Moore RN. Third year of issue*, London: Jane´s Publishing Ltd, pp. 21-27

SIPRI. Arms Transfers Database Russia to Brasil1950 – 2014. (2015). in: <http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade_register.php> (acesso em 10/7/2015)

SIPRI. Arms Transfers Database Singapore to Brasil1950 - 2014. (2015).in: <http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade_register.php> (acesso em 10/7/2015)

SIPRI. Arms Transfers Database Sweden to Brasil1950 - 2014. (2015).in: <http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade_register.php> (acesso em 10/7/2015)

VESENTINI, José William. (2012). **Novas Geopolíticas**. São Paulo: Editora Contexto.

VILLADA, Cristian [et. ali]. (2007). Forças Armadas da América do Sul. Um panorama do momento atual. **Tecnologia e Defesa***, nº 110, ano 24*. São Paulo, pp. 20-54.

ZAKARIA, Fareed.(2008). **O mundo pós-americano**. São Paulo: Companhia das Letras.

NETTO, Andrei; CHADE, Jamil. (2015). "França e Rússia entram na disputa por Alcântara" **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 4 de agosto de 2015, p. A 15.